RESENHA BIBLIOGRÁFICA (*)

BROOKE (Ch.). — *L'Europe au milieu du Moyen Âge (962-1154)*. Tomo III da coleção "Histoire de l'Europe". Tradução de G. Ruhlmann. Paris. Sirey. 1967. 416 pp. 13 cartas. 36 Fr.

Conheceremos verdadeiramente essa época que vai do coroamento de Oto I ao início do reinado de Frederico Barbaruiva?

Que sabemos do comércio e dos mercados, da construção de mosteiros ou dos castelos, das escola e da cultura, para não falar da situação social da mulher ou a dos escravos?

E' também nesse tempo que se situa a reforma das ordens monásticas: Citeaux após Cluny e Gorze; e é a época das peregrinações: Santiago de Compostela, Jerusalém e Roma.

A Europa se esboça desde a Escandinávia até a Espanha: a Alemanha se unifica com os Otônidas e os Hohenstaufen; a França começa a se formar em tôrno dos primeiros Capetíngios; a Grã-Bretanha é invadida pelos escandinavos; os normandos, já instalados em França, apoderam-se da Sicília e os Papas continuam uma luta, às vêzes encarniçada, com os Imperadores da Alemanha (por exemplo Canossa).

Do outro lado da Europa, Bizâncio é vencida em Manzikiert pelos turcos, e Aleixo Comneno teria apelado parao Ocidente contra os turcos seldjúcidas; assim é desencadeada a primeira Cruzada.

O plano da obra é rigoroso e por êle podemos seguir a vida dos homens nos seus quadros políticos, econômicos, sociais, religiosos e intelectuais. Numerosos textos da época, como extratos das cartas de São Bernardo, de Gebert, de Miguel Psellos, etc....., são inseridos no texto e o esclarecem.

E' uma história total. Daí o interêsse da presente obra.

No fim encontra-se uma bibliografia, uma cronologia, um índice, um quadro da matéria contida na obra; treze cartas ilustram o texto e dois quadros genealógicos facilitam as pesquisas.

E.S.P.

*

* *

(*). — Solicitamos dos Srs. Autores e Editôres a remessa das suas publicações para a competente crítica bibliográfica (*Nota da Redação*).

LAPORTE (Dom J.) (Sob a direção). — *Millénaire monastique du Mont Saint-Michel* "Bibliothéque d'histoire et d'archéologie chrétiennes". Paris. Lethielleux.

De todos os monumentos medievais franceses, a Abadia de São Miguel é uma das mais visitadas e admiradas em todo o mundo. Santuário e fortaleza ao mesmo tempo, aparece na história, principalmente durante a Guerra dos Cem Anos, como o símbolo de uma irredutível fidelidade à França. Ela foi também um centro de cultura e de civilização, um local de monaquismo beneditino que enriqueceu a França não só com suas audácias arquitetônicas, mas também um local de imenso labor literário e científico testemunhado pelo que resta ainda de manuscritos conservados em Avranches.

Mostrar o que foi o papel da Abadia na história cultural, econômica, social e política, assim como a sua importância na história religiosa da França tal foi o fito da publicação do conjunto de trabalhos publicados por ocasião do Milenário Monástico do Monte Saint-Michel. Foi há mil anos, com efeito, que os primeiros monges beneditinos, vindos de Saint-Wandrille e de Jumièges, inauguraram os trabalhos e a vida comunitária que devia fazer de sua Abadia e da sua basílica a "Maravilha do Ocidente".

Essa publicação, realizada pela *Société Parisienne d'Histoire et d'Archéologie Normandes,* sob o patrocínio e com o concurso do *Comité national du Millénaire,* se inscreveu entre as realizações comemorativas suscitadas por êsse Comitê: Exposição em Paris e depois no Monte Saint-Michel; conferências, emissões radiofônicas e de T.V. sôbre o Monte e sua história; congressos científicos; movimento internacional de peregrinações dirigidas, como nos tempos passados, rumo ao Monte; jornada de amizade franco-britânica; presença dos monges de Saint-Wandrille e de Bec-Hellouin na própria Abadia, entre 1º de maio e 16 de outubro do ano do Milenar.

Os estudos que contém essas *Mélanges* se ordenam num plano bem determinado. em tôrno do tema geral de pesquisas ao qual cada um dos quatro volumes da publicação é consagrado: *Histoire et vie monastique du Mont Saint-Michel, Rayonnement intellectuel, Culte et pèlerinages, Archéologie.* Além dêsses quatro volumes foram previstos: um volume sôbre as fontes da história e da bibliografia geral do Monte Saint-Michel, e a edição do célebre cartulário da Abadia, redigido no fim o século XII pelo mais famoso dos seus abades: Robert de Torigni.

O 1º volume, *Histoire et vie monastique* (1967. 824 pp. de texto, 4 cartas e **15 pranchas 170 Fr.) trata do Monte Saint-Michel como a obra dos cônegos instalados no VIII século, fala depois dos monges beneditinos que lhe sucederam a partir de 966, feliz acontecimento para a Normandia e para a Cristandade.** Quem foram êsses homens? Êsse é o assunto dêsse primeiro volume da coleção de trabalhos históricos sôbre o célebre santuário, publicado por ocasião do Milênio da chegada dos monges. Êsse trabalho procura completar e corrigir as obras clássicas dos Mauristas e de Paul Gout com o auxílio das aquisições e dos métodos da erudição moderna.

Trata-se, pois, de uma história muito venerável vista com novos olhos, desde Santo Aubert, o fundador, e seus cônegos, muito próximos do monaquismo, depois os monges, verdadeiros pássaros do mar, sequiosos de liberdade ao encôntro de seus duques, seus faustosos séculos XIII e XIV, o penoso século, o lento crepúsculo

século XVI, e a honrosa tentativa dos Mauristas. Certas reputações perderam terreno; alguns homens merecedores e mal conhecidos, vieram a lume.

O Monte é um santuário e a obra prima dêsses religiosos. Um atento estudo de seus hábitos e de seus livros litúrgicos dão a chave de muitos problemas, principalmente a dependência do Monte face a outras Abadias e a utilização dos seus edifícios. Estuda-se também os monges fora da Abadia: suas relações, seus priorados de França e suas propriedades na Inglaterra.

O outro tomo de que temos notícia é o segundo: *Vie montoise et rayonnement intelectuel* (1967. 484 pp., 56 pranchas, compreendendo 128 ilustrações. 100 Fr.). Êste tomo foi destinado a ilustrar a irradiação cultural do Monte Saint-Michel através dos séculos. Reune 30 contribuições devidas à pena de sábios franceses e estrangeiros. Compreende muitas séries de estudos, repartidos em tantas secções quanto foram os aspectos da atividade e da influência da célebre Abadia.

Les lieus et les hommes situam o mosteiro-fortaleza nos confins normando-bretões, outrora no centro de uma senhoria marítima. Diversa era a população do Monte, unida, entretanto, na mesma vida áspera e perigosa: monges e guerreiros, burgueses e artezãos, pescadores e peregrinos, prisioniros enfim — "hóspedes" religiosos ou laicos da Abadia — detidos por loucura, por perda de foros de nobreza, sucessão contestada, libertinagem ou outros crimes, até mesmo insubmissão às autoridades.

A *Historiographie montoise* introduz o leitor entre os monges estudiosos da comunidade medieval ou da congregação de Saint- Maur. O maior é incontestàvelmente Robert de Torigni, vindo de Bec-Hullouin para governar a Abadia na época do "Império Plantageneta". Construtor e colecionador de livros mais do que historiador, o Monte deve a êsse grande abade o explendor de estudos sagrados e profanos, o desenvolvimento do *scriptorium* e a criação da biblioteca.

Os manuscritos, atualmente na sua maioria conservados em Avranches — dos quais alguns dotados de iluminuras bastante estudadas e reproduzidas no volume — não são mais do que um vestígio dêsse inestimável tesouro. Mesmo reduzidos em número permitem apreciar a variedade dos estudos monásticos: além da história, da filosofia com Aristóteles (trinta e um tratados aristotélicos), o direito, a teologia, principalmente a angelologia. *Spiritualité et piété* não estão ausentes, ainda que os testemunhos conservados até aos nossos dias sejam muito poucos: um comentário sôbre o Cântico, a atração de uma espiritualidade "angélica" que ilustra tão bem quanto o exemplo de Joana d'Arc que certos tratados sàbiamente elaborados nos mostram.

Enfim, o brilho do Monte Saint-Michel aparece àinda através de muitos testemunhos literários: basta citar Geoffroi de Monmouth, Guillaume de Saint-Pair, a Chason de Roland, a saga de Begr Sokkason, o ciclo hispânico dos Milagres de Nossa Senhora, Ariosto, Vitor Hugo...

Temos notícia também da publicação do 4º volume: *Bibliographie Générale et Sources* (256 pp. 48 Fr.). Apesar do seu caráter mais árido, o presente tomo também deve interessar aos leitores. Trata-se de uma obra em grande parte enumerativa das referências ao Monte Saint-Michel através dos séculos. Os títulos falam por si só. Pois não invocam êles os cem perigos que ameaçaram o Monte: o "perigo do mar" que obsecava os habitantes e os peregrinos de outrora, o "perigo da história", essa luta constante levada a efeito pela Comunidade contra as potências do século e as fôrças de decadência, "o perigo da terra", ameaça tão pesada contra sua insularidade, o "perigo do século" ou o assalto dos *snobs* e dos comer-

ciantes? Não invocam o entusiasmo dos peregrinos de outrora, a extrema difusão do culto do arcanjo, a atividade, a grandeza e às vêzes as fraquesas dos abades do mosteiro, os sofrimentos sofridos pelos prisioneiros que abrigou? Não evocam o amor dos pesquisadores pelo Monte, os mil atrativos que exerceu sôbre os viajantes, os escritores e os artistas?

Essa compilação não é aliás sòmente uma simples enumeração de títulos, aliás muito numerosos. Devemos precisar o que certas referências tinham de muito sumário e tirar de uma palavra o conteúdo ou o espírito. Algumas vêzes foi publicada a conclusão ou mesmo extratos bastantes longos, a fim de repousar o espírito do leitor sôbre alguma bela página de um historiador ou sôbre uma descrição realista, curiosa ou fantasista. Enfim, quiseram dar o inventário das fontes manuscritas de história do Monte, o que não tinha jamais sido até então tentado.

E.S.P.

*
* *

TOUCHARD (Henri). — *Le commerce maritime breton à la fin fin du Moyen Âge*. Paris. Les Belles Lettres. XXXIX + 455 pp., 8 cartas, 2 pranchas, 21 quadros fora do texto (fascículo I dos "Annales Littéraires de l'Université de Nantes"). 60 Fr.

Apesar da guerra e a pirataria, que embaraçavam a navegação nos mares ocidentais, apesar de uma economia contraída que limitava a amplidão das trocas, mercadores e marinheiros bretões dão a impressão de gozar de uma verdadeira idade de ouro nos três primeiros quartéis do século XV. Os primeiros são poderosos e prósperos no comércio do sal, dos tecidos ou de seus cereais e os segundos pela fidelidades dos fretadores dos seus barcos que os levavam da Escócia à Andaluzia, da Zelândia à Madeira, das costas inglêsas aos portos vinícolas da França de sudoeste. Ora, no momento em que, com os Tempos Modernos se anuncia uma reviravolta da conjuntura econômica onde se abrem novos horizontes maritimos, os bretões tiveram nítida consciência de que não se intregavam plenamente no nôvo mundo comercial.

Dessa prosperidade e dêsse mau estar, o Autor se esforça para precisar os limites reais e a influência excercida sôbre a economia geral do Ducado. Pela análise das formas de armação e exploragão do navio, das vocações muito diversas das regiões bretãs, das estruturas sócio-econômicas, além das reações psicológicas do meio mercantil bretão, tenta êle explicar os sucessos e dificuldades face à concorrência estrangeira. Aos bretões do XV século já se apresentavam difícies problemas de crescimento comercial, de reconversão e de adaptação às novas conjunturas.

E.S.P.

*
* *

LINS (Ivan). — *Erasmo, a Renascença e o Humanismo,* Editôra Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1967, 225 pp.

Enriquecendo consideràvelmente a bagagem literária dêsse nobre e erudito intelectual que é Ivan Lins, esta obra sua nos põe diante de uma autêntica formação humanística a restaurar um dos grandes momentos criadores do Humanismo.

Enfeixa o volume a série de conferências que o ilustre escritor proferiu na Academia Brasileira de Letras, em 1936, ao celebrar-se o quarto centenário da morte de Erasmo, e agora vêm a lume, ao ensêjo da comemoração do quinto centenário do seu nascimento. No lapso que medeia entre os dois momentos, o Autor teve o cuidado de confrontar seu texto com as informações de uma das obras clássicas sôbre a época do Renascimento, a saber: a *História dos Papas,* de Ludwig von Pastor, o que denota o rigor, já comprovado em publicações anteriores, com que êle compõe seus estudos históricos. Realmente, tratando-se de uma obra que não vacilamos em recomendar a estudantes universitários e aos leitores em geral, pois vale como utilíssima iniciação ao assunto que versa, convém realçar a qualidade da bibliografia em que se apoiou o Autor, bem como a honestidade com que êle persegue o que lhe parece ser a verdade histórica. E a tudo isto, vem somar-se o teor do estilo limpo, claro, leve, que faz da leitura dêsse livro um puro prazer do espírito.

Não estamos, porém, diante de simples evocação literária de um dos vultos maiores das letras universais. O gôsto e inclinação natural do Autor pela História, sua intuição para a revivescência do passado, a solidez e seriedade de sua cultura geral, sua própria formação filosófica, o levaram a fazer nêste livro, como noutros do mesmo gênero, história biográfica do melhor quilate.

Sua reconstituição do passado começa pela evocação do quadro geográfico da Holanda de então, que exigia, como ainda hoje, vigoroso esfôrço de adaptação do homem, na tarefa extenuante de dessecar os pântanos e alagadiços, formados pela invasão do mar, para mudá-los em terrenos apropriados às atividades agrárias; e nesse país retalhado pelo oceano, com o qual forma um complexo de água e terra, influenciado também pelas asperezas do clima, forjou-se um povo apto a lutar por sua liberdade e sua expansão marítima, imperativo do sobrevivência e prosperidade. A formação da Holanda moderna, com o suro cultural que a caracterizou, com a Universidade de Leide, com sua participação no movimento renovador do Ocidente, no século XVI, sendo, pois, apresentado ao leitor o cenário histórico em que viveu Erasmo. Todavia, ali, como noutros países europeus, persistiam remanecentes da cultura medieval, e conta o que parecia anacrônico e retrógrado, levantou-se a voz dos inovadores. O quadro é completado com uma síntese dos "antecedentes espirituais" da época do biografado, da efervescência crítica e reformadora, que se acentua no século XIV e tende cada vez mais a minar os alicerces da Igreja, investir contra o Papado, concorrendo para o fortalecimento do poder temporal. Acertado, pois, o método escolhido pelo Autor: inserir o *erasmismo* no contexto histórico de seu tempo, para realçar-lhe o caráter de sua filiação ao movimento desagregador do mundo medievo, movimento que se processava desde o "quattrocento" italiano.

Essa análise, porém, não obscurece a inteireza do pensamento erasmiano, que nos aparece como doutrina, que era, de combate ao escolasticismo e aos preconceitos dêle decorrentes, mas nem por isso incompatível com a fé cristã, ou pelo menos com o deísmo. Adversário dos Papas, mas não irreconciliável com

Deus. O grande humanista surge, no momento em que a autoridade pontifical dá sinais inequívocos de declínio, enfrentada, por tôda a parte, pelo poderio dos príncipes leigos; e a Igreja exterioriza as marcas de sua deteriorização interna, que fere a dignidade do Papado e do Clero. E a intensidade da fé diminuira, desaparecendo o fenômeno da cruzada, como movimento geral da cristandade. Não admira, portanto, que Erasmo, nascido em 1466, resolutamente empenhado no Humanismo, seja apontado como um dos precursores da Reforma. Mas, embora nutrida de espírito inovador, a época é assinalada por considerável atraso nas idéias correntes e nas condições materiais de vida. Se assim não fôra, aliás, não se compreenderia a mentalidade renovadora do tempo, quando o analfabetismo era ainda a regra generalíssima, a medicina se confundia com as práticas do curandeirismo e da falta de higiene, o direito penal ainda prescrevia penas bárbaras, a criminalidade grassava, a ordem social não abolira a servidão dos camponeses, o desconforto e as práticas anti-higiênicas emporcalhavam as cidades.

Êsse o quadro histórico, quando vem ao mundo Desidério Erasmo — o Desejado Amável. E o Autor o reconstituiu até com luxo de pormenores, assim como reviveu a singular carreira dêsse humanista, que começara por se ordenar de monge e descendia, em linha bastarda, de um obscuro clérigo de Roterdão. Tristes os anos de sua juventude, no convento agostiniano de Steyn, onde se preparava para o sacerdócio, sem que escapasse à influência dos mestres do humanismo holandês, Agrícola e Hegius. O estudo dos clássicos antigos e dos humanistas italianos levou-o a filiar-se de vez às novas correntes do pensamento ocidental, tornando-se discípulo de Lourenço Valla, o fundador da escola crítica.

Seria difícil precisar o sentido da obra e a posição de Erasmo, na história das idéias, sem conceituar o *humanismo*, de que êle foi uma das expressões mais originais. E o Autor o fêz acertadamente, sem reduzir o humanismo à simples restauração do grego e do latim clássicos, à imitação dos mestres da Antigüidade. Eram as idéias e ideais antigos que os humanistas intentavam restaurar também, dentro de uma concepção da vida, que se afastava das cogitações teológicas, visando à felicidade e ao aperfeiçoamento do homem; daí, o nome de *humanismo*. O culto apaixonado da Antigüidade chegou aos exageros da intolerância e do fanatismo. Nem por isso, deixou o humanismo de ser uma síntese, ou tentativa de síntese, entre a fé cristã e o pensamento antigo. Daí, as intrusões pagãs nas práticas do cristianismo, intrusões que tocaram as raias do excesso ou da extravagância, provocando a veemente reação dos exaltados, como Savonarola. Foi êsse culto da Antigüidade, a ânsia de captar a sabedoria dos antigos, o zêlo na reconstituição dos textos clássicos, que impeliu os eruditos à busca das obras greco-latinas. E que levou Erasmo a essa admirável súmula do pensamento antigo que são os seus *Adágios* — *"Adagiorum Collectanea"* — cuja primeira edição é de 1500 e seria enriquecida em edições posteriores.

Realçou o Autor o papel desempenhado pelos humanistas, "reatando a cadeia do evolver social, rompida com o anátema atirado pelos primeiros cristãos contra o politeísmo". E através do humanismo crítico, o espírito humano se encaminhou para o livre-exame, "indispensável à fundação da ciência e da filosofia modernas". Ia-se preparando, assim, o caminho para a Reforma e o Renascimento, não se olvidando o Autor de mostrar a participação dos Papas e do Clero, no movimento humanístico, naquela época.

A seguir, acompanha o leitor o amadurecimento do grande humanista, sua evolução espiritual, o acúmulo de suas sucessivas experiências, no contato direto com os mais importantes centros intelectuais da Europa. Em Paris, estudou na famosa Universidade, onde almejava doutorar-se em Teologia, ciência de que o afastou seu pendor para o humanismo. Foi conhecer a Inglaterra, onde privou com Colet e Tomás Morus. Enveredou pelo aturado estudo do grego. Foi a Lovaina, cursar a Universidade, retornou a Londres. Por fim, a sonhada visita à Itália, coroamento de tôda educação literária, no século XVI. Conheceu a pátria do Renascimento, no momento mais luminoso de sua floração artística, doutorando-se em Turim, convivendo em Veneza com o célebre editor Aldo Manúcio, passando por Pádua, Ferrara, Siena, e finalmente conhecendo Roma, onde sobretudo freqüentou as bibliotecas. Regressou convicto da decadência do Papado e da necessidade de uma renovação do sistema espiritual reinante. Dessa convicção, nasceu o *"Elogio da Loucura"*, sátira e ao mesmo tempo análise dos vícios que minavam a vida religiosa, livro "meditado nos Alpes e escrito na Inglaterra, de 3 a 10 de julho de 1509, em casa de Morus". E em 1516, iniciou a publicação dos *Colóquios,* em que se estampa o caráter filosófico do pensamento de Erasmo e que abrem caminho para a liberdade de pensamento. Estava então o humanista famoso, no apogeu da popularidade. São os seus anos de glória, quando residiu em Basiléia que, com êle, "passou a ser capital do livre-pensamento europeu", e onde seu recanto predileto foi a tipografia de Froben. Ali imprimiu algumas de suas traduções de autores clássicos, nova edição dos *Adágios* e, principalmente, o texto grego, restaurado, do Nôvo Testamento e o das Obras de S. Jerônimo. Era, diz o Autor, "a introdução do livre exame nas Sagradas Escrituras". Sua copiosa correspondência, coligida e anualmente publicada, é o mais eloqüente testemunho da época, de que êle foi a personificação intelectual. Era o pensador que encarnava as mais "vivas aspirações de seu século", requestado por Soberanos, Papas e Universidades, a nada cedendo, para conservar a liberdade que tanto prezava e custara a conquistar.

Coube ainda a Erasmo, em plena posse de sua sabedoria, presenciar a primeira e mais violenta rajada do vendaval da Reforma, mantendo posição intermédia entre o catolicismo, cuja transformação admitia, e o protestantismo, cuja intolerância não podia aceitar, incorrendo por isso nos violentos ataques dos sectários de um e de outro. Conservou apenas o seu deísmo e a sua fidelidade ao livre-pensamento, mas acabou por atrair sôbre si também o desfavor dos humanistas fanáticos, cujo servilismo à Antigüidade o filósofo de Roterdão criticara.

Finalizando, o Autor evoca os últimos anos de Erasmo, atormentados pelas violências da Reforma, que o forçaram a deixar Basiléia, em 1521, e que atingiram alguns de seus melhores amigos; atormentados também pelo declínio da saúde, que assim mesmo ainda lhe permitiu voltar a Basiléia, em 1535, um ano antes de sua morte.

Pacifista e deísta, alvo das investidas das três fôrças intelectuais de que discordou — a Escolástica, a Reforma e os humanistas excessivamente escravizados à Antigüidade, Erasmo encarnou um espírito livre, que pregou a paz, não negou a Deu, intentou opôr a razão, quando não o simples bom senso, a tôda espécie de fanatismos, sustentando uma posição que não deixa de apresentar analogias com a terceira posição daqueles que, no conturbado mundo de hoje, procuram chamar os homens responsáveis a adotar soluções de entendimento em

vez do emprêgo da fôrça, a preferir a evolução pelas reformas ao retrocesso reacionário. E, se as obras de Erasmo hoje são pouco lidas, ou o são menos do que deveram ser, nem por isso o seu pensamento, nota o Autor, deixou de prolongar-se pelas influências profundas que exerceu, durante os séculos XVI, XVII e XVIII, através da obra dos filósofos modernos, que o ligam a vários conceitos de nossa época.

Fechando esta resenha, formulamos voto para que o ilustre biógrafo de Erasmo volte a colaborar em nossa Revista de História.

RAUL DE ANDRADE E SILVA

*

* *

CHAUSSY (Dom Yves). — *Les bénédictins anglais refugiés en France au XVIIe siècle (1611-1669)*. Paris. Éditions P. Lethielleux. 1967. XXIV + 256 pp. 45 Fr.

Corajamente lançada pela publicação de austeros documentos (Matrículas de Saint-Maur e Saint-Vanne), continuada pelas monografias de Abadias (Jouarre, Hénin-Liétard), a *Bibliothèque d'Histoire et d'Archéologie chrétiennes* marca o Milênio Monástico do Monte Saint-Michel pela publicação em curso de três volumes de miscelâneas científicas.

No mesmo espírito, a Biblioteca apresenta agora um outro volume consagrado a um problema particular do início do século XVII e, sem dúvida, totalmente ignorado da maioria dos leitores. Porque se conhecemos as conseqüências dolorosas das "Leis penais", baixadas por Isabel I e Jaime I contra os católicos inglêses, é mais difícil medir plenamente as repercussões e as divisões que elas provocaram entre os exilados. Essas questões ainda ardentes, estão na hora de serem examinadas de maneira serena.

Foi êsse o fito dessa obra sôbre *Les Bénédictins anglais réfugiés en France au XVIIe siècle*. O capítulo I é consagrado a W. Gifford, que devia ser arcebispo de Reims, mostra as reações de uma minoria contra a política de enfeudação total à Espanha do célebre P. Persons. E' nesses meios que nasceu a idéia de restaurar a ordem beneditina, tão ìntimamente ligada à história da Inglaterra.

Os capítulos seguintes relatam as tentativas, muitas vêzes infelizes, dos beneditinos inglêses para se estabelecerem em França fora da sujeição do rei da Espanha, em Saint-Malo, em Fontevrault, em Chelles e em Paris. No último capítulo é publicado um documento desconhecido de Dom Estiennot sôbre a fundação dos beneditinos inglêses em Pontoise.

Êsses poucos nomes bastam para mostrar o interêsse da obra para os leitores. A riqueza da documentação inédita constituirá muitas vêzes uma verdadeira revelação e acrescentará um nôvo capítulo à história dos mosteiros de Fontvrault, Chelles, la Celle-en-Brie, Saint-Malo e Pontoise. As informações sôbre os conflitos políticos e doutrinais, assim como sôbre a atividade literária, em particular o capítulo consagrado a John Barnes e o bosquêjo bibliográfico, provocaram a

curiosidade e o desêjo de aprofundar mais a história dessa época perturbada, mas fecunda.

E.S.P.

*
* *

ANDERSON (Matthew). — *L'Europe au XVIIIe siècle (1713-1783)*. Tomo VIII da coleção "Histoire de l'Europe". Tradução de Mlle M. Chaumié. Paris. Sirey. 1967. 400 pp., 12 cartas. 34 Fr.

Si múltiplos trabalhos foram consagrados ao estudo do século XVIII, sôbre a França em particular, poucas obras de síntese foram feitas que abarquem tôda a Europa.

Período de mutação de estruturas sociais e da vida econômica, é também a éra dos "déspotas esclarecidos" e da formação das administrações fiscais, judiciárias..., etc.

A Europa balbucia; Pedro-o-Grande detém definitivamente a expansão sueca em Poltava; os Estados Alemães lutam entre si e a Prússia, sob a férula de Frederico-Guilherme e de Frederico II, constitui um exército que intervem com sucesso nas querelas européias.

Do outro lado, a Inglaterra dos Hanover edifica, à custa da França, um império colonial nas Índias, no Canadá e no próprio Mediterrâneo.

Os conflitos se sucedem do começo ao fim do Velho Munndo; mas é da América que vem êsse sôpro de revolução que foi a origem da Revolução Francesa de 1789. Tal é o conteúdo dêste interessante livro.

E.S.P.

*
* *

BAUMONT (Maurice), GERMAIN-MARTIN (Henry) e ISAY (Raymond). — *L'Europe de 1900 à 1914*. Coleção "L'Histoire du XXe Siècle", dirigida por Haurice Baumont. Paris. Sirey. 1967. 480 pp., 10 cartas. 40 Fr.

Se é necessário admitir que para a Europa o século XX começa, de fato, com a I Grande Guerra Mundial, o período de 1900 a 1914 constitui a introdução e o prefácio. Sua evolução política, intelectual, econômica, foi traçada numa história total, onde todos os aspectos de uma época foram focados e associados.

A Europa de 1900 só possui duas Repúblicas: a França e a Suiça, parece estática. Mas a despeito do "concêrto europeu", os conflitos amadurecem com a expansão dos imperialismos.

Depois de 1870 a Europa viverá sob a hegemonia da Alemanha, que concluiu em 1879 uma Aliança com a Áustria-Hungria, transformada em 1882 na Tríplice Aliança com a inclusão da Itália, à qual se opôs em 1893 a Aliança franco-russa.

Em face do pangermanismo que ameaçava o XX século nascente, a Inglaterra concluiu com a França em 1904 a *Entente Cordiale* que, pela aproximação russa, transtorma-se em 1907 na *Triple Entente*. Desde então, a Europa não cessou de costear o abismo, com crises marroquinas e crises balcânicas que sempre se extinguiram no último momento. Porque não aconteceu o mesmo em 1914? E como se chegou à catástrofe? Há dezenas de anos numerosas publicações renovaram completamente a história das origens da I Guerra Mundial.

A maioria dos problemas políticos e econômicos surgidos então na Europa estão ainda hoje na origem das políticas e comportamentos dos povos europeus assim como nas relações financeiras internacionais. Isso explica, de sobejo, o interêsse desta obra.

E.S.P.

*

* *

FREIDEL (Frank). — *Les États Unis d'Amérique au XXe siècle*. Coleção "L'Histoire du XXe siècle", dirigida por Maurice Baumont. Paris. Sirey. 1967. 460 pp. 40 Fr.

O autor, professor de História na Universidade de Harvard, e graças sobretudo a anos de pesquisas, nos dá no seu livro um esbôço extraordinàriamente lúcido das atividades históricas que modelaram os destinos da América do Norte, dos fins do século XIX aos nossos dias.

Começando por um breve preâmbulo sôbre a Guerra Civil e a Guerra Hispano-americana, o Autor nos mostra paulatinamente a evolução dos Estados Unidos através da éra progressista, o período rooseveltiano, a I Guerra Mundial, a nova liberdade, a depressão, o *New-Deal,* a II Guerra Mundial, a Guerra da Coréia, o republicanismo de Eisenhower, o equilíbrio atômico do terror, a visita de Kruchev aos Estados Unidos, as conseqüências do assassinato do Presidente Kennedy, a eleição do Presidente Johnson, a outorga dos direitos cívicos aos negros e os motivos da intervenção americana no Vietnã.

Êle analisa ao longo da sua obra os desenvolvimentos políticos, econômicos, sociais e intelectuais dêsses seis cruciais decênios.

Se o Professor Freidel resumiu brevemente a história social e cultural dos anos que posteriores à II Guerra Mundial, foi porque se tratava de assunto bem conhecido da maioria dos contemporâneos.

Por outro lado, o desenrolar dos acontecimentos diplomáticos foi de tal maneira complexo e vital, que descreveu com minúcias o seu desenvolvimento durante êste último decênio.

O leitor encontrará, nessa obra, um quadro particularmente instrutivo da orientação nova tomada pelos Estados Unidos durante a primeira metade e o início do terceiro quartel dêste XX século. E' obra palpitante que interessará todos os leitores

R.S.P.

LEQUILLER (Jean). — *Le Japon*. Coleção "L'Histoire du XXe siècle", sob a direção de Maurice Baumont. Paris. Sirey. 1967. 620 pp., 26 cartas. 56 Fr.

A evolução do Japão, na época contemporânea, é particularmente movimentada e dramática. País pràticamente desconhecido pelo Ocidente nos meados do século XIX, tornou-se em alguns decênios uma grande potência internacional, para sofrer em 1945 uma das mais completas derrotas até então infligida a uma nação. Sua história esteve muito tempo envolvida em mitos. Ela desenvolveu-se recentemente graças ao gradual desparecimento do totalitarismo e do culto impereial. Os documentos oficiais japonêses foram desde então postos mais liberalmente a disposição dos pesquisadores e os processos intentados em Tóquio aos criminosos de guerra forneceram numerosos conhecimentos sôbre os principais episódios da história japonêsa no século XIX.

Êsse volume apresenta o resultado de pesquisas permitidas pelas novas circunstâncias. O Autor, que residiu muito tempo no Japão, esforçou-se por narrar essa aventura, tão completa e objetivamente como lhe foi possível, fornecendo ao leitor uma grande documentação estatística, cartográfica e bibliográfica, o que faz com que essa obra possa ser considerada como o melhor estudo sôbre o Japão contemporâneo.

A China comunista, com os múltiplos problemas que apresenta, chama especialmente a atenção do Mundo desde a alguns anos. Mas seria bom não negligenciarmos o estudo das principais potências que na Ásia podem, num futuro mais ou menos próximo, desempenhar um papel importante. O Japão, se bem que esmagado em 1945 pela superioridade americana, retomou, desde então, um lugar cada vez mais importante em todos os setores. Êste livro tem por finalidade mostrar essa evolução nos seus múltiplos aspectos.

E.S.P.